

**A ONTOGÊNESE DOS
GÊNEROS DISCURSIVOS
ESCRITOS NA
ALFABETIZAÇÃO**

Conselho Editorial

Ademar Soares Castelo Branco
Alastair Pennycook
Allen Quesada
Ana Nery Damasceno Noronha
Ana Sousa
Antonieta Heyden Megale
Aparecida de Jesus Ferreira
Beatriz Gama Rodrigues
Carmen Jená Machado Caetano
Cátia Regina Braga Martins
Daniel Silva
Dlúbia Matias Santclair
Elaine Fernandes Mateus
Elkerlane Martins de Araújo
Fernanda Coelho Liberali
Joaquim Dolz
Kleber Aparecido da Silva
Lauro Sérgio Machado Pereira
Li Wei
Lynn Mário Menezes de Sousa
Gabriela A. Veronelli
Gisvaldo Araújo Silva
Manuela Guilherme
Reinildes Dias
Ofelia Garcia
Oseas Bezerra Viana Jr.
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Paulo Massaro
Renato Cabral Rezende
Rodriana Costa
Rosana Helena Nunes
Rosane Pessoa
Ryuko Kubota
Sávio Siqueira
Sílvia Maria de Oliveira Penna
Simone Maranhão
Sweder Sousa
Tamara Rosa
Tatiana Dias
Veruska Machado
Vilson Leffa
Vilton Soares
Viviane Resende

Fabiana Giovani

**A ONTOGÊNESE DOS
GÊNEROS DISCURSIVOS
ESCRITOS NA
ALFABETIZAÇÃO**

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giovani, Fabiana

A ontogênese dos gêneros discursivos [livro eletrônico] :
escritos na alfabetização / Fabiana Giovani. – Campinas, SP :
Mercado de Letras, 2024.

ePub

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-821-0

1. Alfabetização 2. Discursos 3. Gêneros textuais 4. Escrita
I. Título.

24-209177

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Alfabetização 372.21

capa: Studio Rotta Design Gráfico
gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final da autora
bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

Maria Sílvia Cintra Martins

O RELATO – A EXPERIÊNCIA VIVIDA COMEÇA ... 13

A NARRATIVA – ERA UMA VEZ... 35

A EXPOSIÇÃO – TRATA-SE E COMPREENDE-SE POR... 81

A ARGUMENTAÇÃO – SUSTENTA-SE E REFUTA-SE QUE ... 197

A DESCRIÇÃO DE AÇÕES – A INSTRUÇÃO
E/OU PRESCRIÇÃO DE UM SUJEITO... 175

À GUISA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS 185

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 191

A língua de uma certa comunidade linguística não pode ser aprendida pela criança com base na mera existência da língua falada pelos que a cercam, pela exposição da consciência “in-fantil” (no sentido etimológico de in-fans: criança que ainda não sabe falar) à língua por um certo período. A aprendizagem da língua ocorre, isto sim, enquanto a criança a experimenta (e não apenas a sente) como utilizada no ambiente em que vive, vai aos poucos compreendendo a sua função prática, herda o sentido do trabalho que a produziu, compreende-lhe o caráter de material, além do de instrumento, trabalhando sobre ela com os instrumentos por ela mesma oferecidos, utilizando-a como “linguagem objeto” e como “metalinguagem” e aprendendo, por conseguinte, a função metalinguística que é essencial na própria aprendizagem da língua. A experiência da língua não é suficiente para criar o conhecimento da língua, em vista do próprio fato de que a compreensão do significado das palavras e a aprendizagem do seu emprego apropriado exigem que o sujeito supere os limites da esfera puramente verbal e faça a experiência das palavras no âmbito de contextos situacionais, além dos verbais. É possível, desta maneira, a reativação das operações sociais que servem de fundamento para o significado das palavras, é possível a reativação da experiência vivida que é sedimentada nos signos linguísticos, é possível a transformação da língua dada, transmitida, em discurso próprio, em linguagem viva.

Augusto Ponzio, *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*, 2007.

PREFÁCIO

Quando conheci a jovem professora Fabiana Giovani, há mais de dez anos, seus olhos já brilhavam de animação e interesse em torno de tudo o que dizia respeito à teorização do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin: naquele momento, buscava entender melhor o modo de existência dos gêneros do discurso na constituição tríplice de tema, estrutura e estilo com que atravessam os círculos de atividade das arenas de combate da comunicação cotidiana e institucional.

Já naquela época, o que a diferenciava como intelectual e pesquisadora, no entanto, era o pé firme que mantinha em sala de aula, e a forma com que, na sua compreensão e análise, teoria e prática se davam de maneira entrelaçada, e não nos bastidores de uma apreensão intelectualista, prestes a se desvencilhar da realidade. Dessa forma, assim acredito, houve, desde o início de sua trajetória acadêmica, o sangue e o suor necessários para que as palavras que pronunciamos sejam de fato banhadas de vida, algo que, de resto, parece-me residir no âmago do pensamento daquele filósofo em que sua argumentação, pouco a pouco, foi se construindo. Ou seja, marcada pela coerência.

Tive o privilégio de participar de sua trajetória, desde os primeiros esboços da pesquisa de mestrado, que desembocou nestas páginas com que nos contempla, resultado de sua pesquisa de doutorado. Lembro-me bem do entusiasmo com que deixou a sala logo após a defesa de sua dissertação de mestrado, convencida de que haveria uma trajetória importante a cumprir: aquela – ainda pouco estudada – da investigação do percurso ontogenético dos gêneros do discurso.

Certamente, nas linhas do capítulo bakhtiniano “Os gêneros do discurso”, tão reiteradamente mencionado entre nós – sejamos estudiosos da área da Filosofia da Linguagem, da Análise do Discurso ou da Linguística Aplicada - já encontramos a pista para que se pensem os gêneros do discurso dentro de

uma visada evolutiva, partindo-se dos gêneros primários para os secundários, que o filósofo russo identifica como pertencentes às sociedades complexas. É esse gancho, de resto, que retomam os estudiosos da Escola de Genebra, dentro da junção produtiva entre os achados dos intelectuais russos Lev Vigotski e Mikhail Bakhtin. Bernard Schnevly, no capítulo “Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas” (que já circulava entre pesquisadores e educadores antes de sua inserção e publicação em livro), diferencia e detalha os gêneros primários e secundários, apontando para a forma de sua evolução no universo cognitivo infantil.

Em nossos Parâmetros Curriculares (PCNs) de Língua Portuguesa, datados de 1997, encontramos, por sua vez, a referência a esse capítulo de Schnevly, como “Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogenétiques”, que já havia sido publicado na Suíça em 1993.

Sabemos, entretanto, que Schnevly e Dolz debruçaram-se, particularmente, sobre a caracterização dos gêneros orais públicos, ao chamar a atenção para o fato de que o oral também se ensina, e de que textos pertencentes a gêneros como a entrevista, a palestra, a apresentação oral seriam, também, passíveis de aprendizagem na escola. Muito provavelmente, sua atenção não se deteve nos gêneros do discurso típicos do início do percurso escolar, no entrelaçamento entre alfabetização e letramento, em função da especificidade da realidade europeia, em contraste com a nossa.

Entre nós, talvez o trabalho de Ana Luisa Smolka, de 1988, tenha sido um dos primeiros a apontar para uma interligação entre alfabetização e discurso de forma mais explícita. Seríamos injustos, no entanto, se não fizéssemos menção ao trabalho pioneiro de Eglê Pontes Franchi, primeiro em sua dissertação de mestrado, que resultou no volume “E as crianças eram difíceis: a redação na escola”, de 1984, depois em “Pedagogia da Alfabetização: da oralidade à escrita”, de 1988. É fato que, na década de oitenta do século passado, não nos encontrávamos, ainda, na área da Educação, sob o efeito das novidades advindas

dos PCNs, ao abordarem oficialmente o ensino de línguas sob um viés discursivo e interativo. Sendo assim, pode-se dizer que a professora e pesquisadora Franchi tratava, à sua maneira e dentro dos recursos conceituais de sua época, de questões concernentes à aprendizagem das linguagens oral e escrita por parte das crianças pequenas de um ponto de vista significativo e interativo. Não se falava, ainda, em gêneros do discurso, mas a pesquisadora paulista fazia menção às encenações teatrais efetuadas por crianças pequenas, assim como a textos redigidos na forma de bilhetes, por exemplo.

Entendo a importância de construir esse quadro histórico, mesmo que de forma abreviada, pois é nele que se insere, agora, a obra de Fabiana, juntando-se às vozes de um grupo de estudiosos que vêm se dedicando, nas últimas duas décadas, à compreensão da apropriação das linguagens oral e escrita por parte das crianças pequenas sob um viés discursivo, sócio-histórico e interativo. Dentro da defesa desta abordagem como a mais eficaz para a alfabetização das crianças, particularmente daquelas que não tiveram uma situação familiar e domiciliar de destaque do ponto de vista do acesso a artefatos culturais de prestígio.

Assim como no caso de Eglê Franchi, o que caracteriza o trabalho de Fabiana, de toda forma, é a situação diferenciada da professora pesquisadora, fato que atribui vida e caráter engajado a sua obra, algo semelhante ao que está presente, também, nos trabalhos profícuos de Claudia Maria Mendes Gontijo. Com base em referências teóricas distintas, esta mais atenta às obras da Escola de Vigotski, enquanto que Fabiana prende-se, de preferência, aos preceitos bakhtinianos, ambas nos presenteiam, em suas obras, com escritas enigmáticas para aqueles que não estão acostumados com a junção aparentemente fortuita que as crianças fazem com as letras de nosso alfabeto.

Fabiana vai nos mostrando, e de forma convincente, como o processo de aquisição ou apropriação de linguagem não se dá, entretanto, de maneira tão aleatória quanto pode parecer à primeira vista e que, desde que monitorado pela observação e

atuação do professor enquanto agente de letramento, poderá se desdobrar rapidamente, a partir de palavras desconexas até textos bem estruturados. Nesse sentido, a pesquisadora nos mostra, na prática do trabalho com textos pertencentes a diferentes gêneros do discurso, como se dá a proposta pedagógica – hoje defendida por vários pesquisadores, como Magda Soares ou Angela Kleiman – de se alfabetizar letrando. Destaca que é em torno de textos de teor narrativo que a criança vai se apropriando das características próprias a cada gênero (no que comportam de tema, estilo e estrutura composicional diferenciada), enquanto que, simultaneamente, transita por aquelas fases identificadas por Emília Ferreiro e hoje amplamente conhecidas por todos os professores alfabetizadores. É fato, no entanto, que alinhando-se ao que conhecemos, na linha da proposta de Brian Street, como abordagem ideológica do letramento (e não autônoma, ou seja, centrada apenas nos textos), e alinhando-se, claro, à proposta sócio histórica de Mikhail Bakhtin, coube à pesquisadora nos mostrar como essas fases se desdobram nos interstícios das práticas de letramento efetivas, i.e., naquele ambiente em que cada criança se apresenta e se representa como sujeito sócio histórico capaz de escolhas, socialmente atuante dentro de um universo em que também é visto e respeitado como um pequeno cidadão.

Trata-se, assim, de mais um desses trabalhos que nos animam a pensar na alfabetização e a encontrar para esta – que ainda se delinea como uma problemática no horizonte das políticas educacionais brasileiras – respostas entusiásticas e promissoras, nas quais a autora pincela, ainda, outras cores advindas do ideário bakhtiniano, como aquelas que se depreendem das vertentes da Ética e da Estética.

Maria Sílvia Cintra Martins
UFSCar